

EDUCAÇÃO SISTÊMICA E EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: OUTROS OLHARES PARA NOVAS DIREÇÕES

Andrea Mara Santos Souza (Mestranda do Programa GESTEC-UNEB)

Email: andreamarasouza@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O artigo busca relatar uma situação escolar no cotidiano da sala de aula e refletir sobre a Educação Sistêmica como ferramenta para um novo olhar e uma nova tomada de atitude para os profissionais de educação que transitam no ambiente escolar e se relacionam com estudantes com deficiências, transtornos e superdotação. Entre outros aspectos, trata da inclusão como direito de todas as pessoas com alguma condição especializada e das atitudes necessárias para a efetivação de uma prática menos preconceituosa e segregacionista, narrando um caso de estudante da sala de aula regular que apresenta necessidades especiais. Traz reflexões sobre a necessidade de se compreender o que é a inclusão, e que a escola precisa ser um espaço para a expressão das diferenças. Os resultados e perspectivas desse relato revelaram que na condução de práticas com escuta e colaboração, o estudante alcançou autonomia e participação no grupo escolar, bem como nos mobilizou como perspectiva o pensamento ético ao respeito do lugar do sujeito e suas subjetividades, em que a formação docente deve se balizar para outros olhares para novas direções, principalmente quando articulamos a Educação Sistêmica para as práticas com a Educação Inclusiva.

Um educador com uma visão sistêmica é um profissional com consciência do seu papel mediante os aprendentes e a responsabilidade com a inclusão, que vai além da integração de crianças em sala de aula, onde as crianças sintam-se integradas ao ambiente escolar, sem restrições e com respeito, onde suas origens, suas histórias são vistas assim como as dos educadores e respeitadas, onde todos tenham lugar de fala e de pertencimento, onde as expectativas sejam de caráter humanizador e não segregativo, eliminatório e muito menos classificatório. Como diz Madelung (1996):

A abordagem sistêmica foca principalmente no contexto relacional um poder ou um fluido que atua entre as pessoas, quer isso seja ou não expresso pela comunicação verbal ou não verbal.... Cada pessoa está numa relação recíproca de modos múltiplos com seu meio ambiente. O que um de nós faz, atua sobre os outros membros de nossa família ou grupo, atua no todo e atua de volta em nós mesmos (Madelung, 1996, p. 55-56b).

2.A Postura Sistêmica

Na Educação Sistêmica, o educador tem o seu lugar de força estabelecido, que é o lugar de professor, de onde consegue interagir e visualizar os processos de mediação respeitando os aprendentes, suas origens e se respeitando, saindo do lugar de julgamento. O paradigma da postura sistêmica do/da educador/a, trazida por Marianne Franke-Gricksch (2018), influenciada pela visão fenomenológica de Bert Hellinger (2001), psicoterapeuta criador das constelações familiares, diz-nos que:

[...] trabalhar, sistêmica e fenomenologicamente, significa prestar atenção aos sentimentos expressados espontaneamente por parte dos representantes assim como surgem e deixar as dinâmicas se desenvolverem por si mesmas" (Franke-Gricksch, 2018, p. 29).

Essa postura permite ao educador/a enxergar e compreender que os/as estudantes trazem consigo uma experiência familiar e, por trás, todo um sistema que fundamenta a sua história, uma transgeracionalidade que o constitui enquanto indivíduo (Franke-Gricksch, 2018). Podemos supor que o sistema escolar consiste de tais elementos, como o prédio da escola, diretor/a, professores/as, estudantes, pais/mães, e autoridades da educação e sociedade, como "[...] uma rede fluente de ideias interativas e sendo assim esperanças e ações interligadas" (Anderson; Goolishian, 1988, p. 190). Sendo assim, o olhar sistêmico na educação nos permite enxergar o estudante, seus sistemas, suas histórias que se fazem presentes no contexto escolar, com foco nas relações entre as pessoas que fazem parte do sistema

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento em que o/a educador/a internaliza essa postura, comprehende a necessidade de acolher o/a estudante com, afeto e responsabilidade, respeitando a sua história e permitindo que ele se desenvolva a partir das suas competências, habilidades e situação/momento próprios de aprendizagem. Diante dessa postura, o/a educador/a comprehende que a escola é um enriquecimento do que já existe e não uma melhor alternativa para esse estudante

4. CONCLUSÃO

É necessário ter consciência que quando se muda os padrões de comportamento se modificam as relações, e quando todos os envolvidos no processo educacional despertarem para essa consciência acontecerá uma educação inclusiva sem rótulos, sem segregações, sem preconceitos.

5. REFERÊNCIAS

ANDERSON, H.; GOOLISHIAN, H. **Menschliche Systeme**: Vor welche Probleme e uns stellen und wie wir mit ihnen. In: REITER et al. (Hrsg.) Von der Familientherapi zur systemischen Perspektive. Heidelberg (Springer), p. 189-216, 1988.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

